

Post processualism archaeology – Arqueologia Pós-processual

1. Introdução

Resultado da nova corrente teórica gerada pela Nova Arqueologia, isto é, as críticas expostas ao processualismo, das quais são enfatizadas a subjetividade das interpretações arqueológicas e a extensão da aplicação de métodos científicos, entre outros aspetos. No prosseguimento destas questões, mantêm-se certas bases, apenas como um seguimento do processualismo imposto por Lewis Binford, atribuindo então como sendo uma arqueologia pós-processual. Com esta nova corrente leva durante o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, a que vários investigadores evidenciem as problemáticas do processualismo, dos qual se destaca Ian Hodder, entre vários outros Miller and Tilley (1984), Leone (1986), Shennan (1986), Shanks and Tilley (1987), Earle and Preucel (1987), Watson and Fotiadis (1990), Patterson (1990), and Preucel (1991).

Como então já estabelecido, a nova corrente pós-processualista não se afirma como uma nova fase arqueologia mas como uma crítica à já bem imposta Nova Arqueologia. Esta forma de compreensão do registo arqueológico, já bem estabelecida, comunicava uma forte ligação que o meio ambiente (como por exemplo) impunha nas comunidades antigas, levando a que a produção cultural fosse resultado desses fatores externos. Isto fundamentava que a produção de cultura seria feita de forma passiva, resumindo-se a um mecanismo de adaptabilidade (HODDER, 1982; LEONE; 1982), simplesmente um reflexo, das atividades humanas.

Vem então ser alvo de crítica o funcionalismo, inserido na teoria de sistemas e o estruturalismo. “A enfase funcionalista e processual na arqueologia visava objetivamente identificar as relações entre variáveis em sistemas culturais” (HODDER, 1982; p. 3). A dimensão que é posta à cultura material, introduzindo então uma abordagem com fundamentos de teoria social, relacionado esta às ideologias e das relações sociais. Este ponto em particular realça esta nova fase da arqueologia como um continuação do processualismo, uma vez que a visão materialista não deixa de ser significativa no estudo das populações do passado.

“Eles sugerem que podem fornecer interpretações alternativas perspicazes, abandonando os requisitos de uma “arqueologia explicitamente científica”, conforme delineado pelos processualistas no início dos anos de 1980 e adotando uma abordagem mais humanística” (VANPOOL e VANPOOL; 1999; p. 33-34).

A contraposição dos argumentos base do processualismo versus o pós-processualismo, são vistos como sendo uma arqueologia científica em oposição a uma de carácter humanístico (VANPOOL e VANPOOL; 1999).

1. Contextual Archaeology

Um dos aspetos essenciais da arqueologia pós-processual, que na sua essência, a arqueologia contextual apresenta a necessidade de forma a obter um resultado completo e alcançar um maior número de interpretações é necessário recolher o maior número de dados, sob a forma da análise de “todos os aspectos internos possíveis de uma cultura arqueológica para que se possa conhecer o significado de cada um dos seus elementos ou partes” (BICHO; 2006; 78). Enquanto a Nova arqueologia visa apenas a necessidade de estudar algumas variantes, a arqueologia contextual de Hodder contrapõem essa metodologia, afirmando a necessidade de estudar um maior número de variáveis.

Um dos maiores aspetos que a arqueologia contextual é a relevância da cultura material nas sociedades, uma vez que “(...) A cultura material não é apenas um reflexo da adaptação ecológica ou organização sociopolítica, mas também um elemento ativo nas realções de grupo que pode ser usada para disfarçar e refletor as relações sociais” (TRIGGER; 1989; 348). Isto leva a uma questão mais complexa, nomeadamente a revisão do conceito de cultura, assumindo então de que a cultura é um meio de adaptação de um individuo como parte de uma sociedade, num conjunto de sistemas interligados. A estrutura social encontra-se em constante transformação, por parte de um individuo. “Os significados de um artefacto não derivam simplesmente da sua produção, mas também do seu uso e percepção por outros” (HODDER, 1992; pag. 73)

Pois o pós-processualismo parte do princípio de que uma sociedade não é um sistema estagnado, encontra-se em constante mudança. Entre outras limitações do funcionalismo é exposto a “inadequação de função e utilidade na explicação dos sistemas sociais e culturais e na separação feita entre utilidade funcional e cultura” (HODDER; 1982; p. 3). As atividades exercidas por uma sociedade é um resultado direto de formas de adaptação.

De vários exemplos, o que mais resume esta visão dos resultados que a cultura material permite obter nas sociedades do passado, que impõe as questão de igualitariedade nos costumes funerários, relacionando a estruturação das suas comunidades perante as suas práticas de inumações simples (M. PEARSON, 1982; HUNTINGTON & METCALF, 1979; *In* TRIGGER; 1989).

2. Arqueologia crítica

O problema do contextualismo não foi apenas a única questão abordada nesta nova corrente teórica, que abordam a complicação metodológica do estudo geral da arqueologia, continuando ligados ao processualismo, como os trabalhos de Shanks e Tilley. A arqueologia critica visava olhar para os problemas interiores, isto é

Devido ao fato de acreditarem que a arqueologia é inerentemente subjetiva, os pós-processualistas argumentam que todos os arqueólogos, sempre impõem suas próprias opiniões e preconceitos nas suas interpretações dos dados arqueológicos (VANPOOL e VANPOOL, 1999; LEONE; 1987). Essa mesma interpretação atribuída pelo arqueólogo pode sofrer uma alteração do seu significado, que não era originalmente apresentado pelo

arqueólogo (LEONE; 1987). Para mais a interpretação feita aos dados arqueológicos é afetada por fatores políticos, económicos e sociais em quem se debruça por estes no quadro social em que se insere. Foi mencionado por Shanks e Hodder (1998) de que não existe um registo arqueológico real, mas sim, a criação de dados por parte dos arqueólogos através de um conjunto objetos, do qual no seu todo designamos de cultura material.

2.1. Gender Archaeology

No seguimento da arqueologia critica, relacionado com aspetos mais minuciosos da interpretação de dados “Esta preocupa-se com aspectos de preconceito sexual, tanto em termos de investigação, como em termos profissionais” (BICHO; 2006; p.80). Este leva a uma criação de subcategorias desta, um tipo de arqueologia de género direcionada a questões mais específicas, como a arqueologia do feminismo ou então das populações indígenas. O género está presente na cultura material e pode mostrar a estrutura social e levar à resposta de certos aspetos culturais.

No que se pode então definir como interpretação do próprio autor, em relação à arqueologia de género, vê de facto em vários casos, nesta nova vertente pós processual, como na interpretação de David S. Whitley, que testemunha esta fragilidade da interpretação. O exemplo trata-se de sítios arqueológicos, inseridos na pré-história recente, das comunidades antigas da Grande Bacia do Norte da América (Cordilheira Coso). Whitley no seu caso de estudo propôs a possibilidade de que as comunidades Numic dispunham de uma divisão das tarefas de acordo com o sexo, tendo então esta perspetiva sido obtida através de uma relação ideológica com as pinturas. De uma forma mais simplificada, a ocorrência de pinturas que representavam animais de grande porte teria uma ligação à sua caça pelos homens da comunidade, enquanto as mulheres exerciam tarefas de recolção (WHITLEY; 1998; p. 365).

3. Cognitive Archaeology

A primeira critica abordada é de facto, ao estruturalismo, na sua noção mais geral, do qual é imposto que todo o comportamento humano é subordinado, no qual “(...) categoriza e divide, cria contrastes e oposição, que inverte, desloca e distingue entre dentro e fora; cultura e natureza; masculino e feminino; além disso, que a mente usa um repertório limitado de categorias contrastivas como estas para pensar sobre virtualmente toda a sua realidade” (LEONE; 1982; p.742). Esta vertente do pós-processualismo pretende compreender a cultura e os sistemas culturais através da aplicação de tópicos que não seriam abordados pela nova Arqueologia, como a ideologia, cosmologia, religião, entre outros aspetos das sociedades antigas.

Voltando aos trabalhos de David S. Whitley referidos acima, este investigador semelhante aos trabalhos de Leroi-Gourhan (1965), também insere uma aplicação mais cognitiva no registo arqueológico, através do estudo de um conjunto de pinturas, pois “ele excluiu tempo, ecologia e todos os artefactos além das pinturas; ele ignorou todo o contexto diário e substituiu o contexto da relação das pinturas entre si” (LEONE; 1982; p. 744).

A cultura material que se encontra no registo arqueológico é resultado de um conjunto de conceções provenientes da produção pela mente humana (LEONE; 1982; 1998) e que possui uma simbologia, ligada a práticas diárias e um processo cognitivo (SHANKS & HODDER; 1998).

(Idealismo) De forma a estudar a sociedade é possível estudá-la através da temática da ideologia como um dos mecanismos regulador das sociedades. A dimensão que é posta à cultura material, introduzindo então uma abordagem com fundamentos de teoria social, relacionado esta às ideologias e das relações sociais.

Referências Bibliográficas

- FLANNERY, Kent V. (1982). *The Golden Marshalltown: A Parable for the Archeology of the 1980s*. editado por: American Anthropological Association, University of Michigan, pp 265-278.
- HODDER, Ian (1982). Theoretical archaeology: a reactionary view.
- HODDER, Ian (1985). Postprocessual Archaeology. *in* Advances in Archaeological Method and Theory, Vol. 8, Published by: Springer, pp 1-26.
- KOSSO, Peter (1991). *Method in archeology: Middle-range theory as hermeneutics*. American Antiquity, Vol. 56, No. 4, pp 621-627.
- LEONE, Mark P. (1982). *Some opinions about recovering mind*. American Antiquity, Vol. 47, No. 4, pp. 742-760
- LEONE, Mark P.; POTTER, Parker B. Jr.; SHACKEL, Paul A.; et al (1987). *Toward a Critical Archaeology*. Current Anthropology, Vol. 28, No. 3, pp 283-302.
- LEONE, Mark P. (1998). *Symbolic, structural, and critical archaeology*. pp. 49-67.
- SHANKS, Michael; HODDER, Ian (1998). *Processual, postprocessual and interpretive archaeologies*. pp 69- 95.
- SHANKS, Michael; TILLEY, Christopher (1982). *Ideology, symbolic power and ritual communication: a reinterpretation of Neolithic mortuary practices*.
- VANPOOL Christine S.; VANPOOL, Todd L. (1999). *The Scientific Nature of Postprocessualism*. American Antiquity, Vol. 64, No. 1, pp 33-53.
- WHITLEY, David S. (1998). *By the hunter, for the gatherer: art, social relations and subsistence change in the prehistoric Great Basin*. *in* World Archaeologie, vol. 25, No. 3, pp 356- 373.
- TRIGGER, Bruce G. (2006) *A history of archaeological thought*. Cambridge University press; Londres.
- BICHO, Nuno (2006). Manual de arqueologia pré-histórica. Edições 70; Lisboa.